

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4581
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P.º Manuel Matos.

O feliz aniversário de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz E A Classe Operária

Também este jornal deu a notícia do aniversário natalício de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, sem dúvida, um dos mais insignes Prelados da gloriosa Diocese de Braga.

E ao fazê-lo, só se enobreceu, pois, congratulamo-nos em o poder afirmar, quantos nele trabalham sentem-se felizes na sua Fé católica e intimamente rejubilam com tão fausta data.

«Notícias de Guimarães», embora não tenha o rótulo, é dirigido e confeccionado por católicos e nas casas de católicos entra todos os domingos.

Quantos, pois, aqui trabalham, todos gostosamente apresentam a S. Ex.ª Rev.ª os mais respeitosos cumprimentos e formulam sinceros votos pelo prolongamento de Sua preciosa vida.

pois a caridade é a virtude cristã por excelência.

E é nela que mais refulge a vida de S. Ex.ª Rev.ª.

Há nas grandes almas uma história que se não escreve, mas, no entanto, o que é dominante nelas, transpira. Seja-nos perdoado o pecado de ferir Sua modestia.

Pois a verdade é que, poucos sabem do imenso bem que tão silenciosamente S. Ex.ª Rev.ª pratica em favor dos operários.

Já não é só a admissão, nos Seminários, dos seus filhos, que ali vão formar-se, gratuitamente. E' o envelope fechado que corresponde ao grito aflitivo dum faminto sem trabalho nem pão. São os pedidos que formula junto dos patrões, no desejo de conseguir trabalho para os desempregados. E é, ainda, essa Sopa dos Pobres com a qual mata a fome de tantos que são «a riqueza da Igreja», no dizer do glorioso mártir S. Lourenço.

Mas onde mais e mais se nota

Continua na 2.ª página.

«O COMÉRCIO DE GUIMARÃES»

Completa depois de amanhã, dia 15, o seu 72.º ano de publicação, o nosso prezado colega local «O Comércio de Guimarães», pelo que lhe endereçamos desde já as nossas felicitações, com votos de muitas prosperidades, apresentando cumprimentos aos seus ilustres director sr. Eduardo de Azevedo Machado e redactora sr.ª D. M. Matilde F. Machado, assim como a quantos ali trabalham.

Reflexões

Aproxima-se o verão, de manhãs frescas, encatadoras e tardes quentes, a alongar-se, tornando aparentemente os dias maiores.

As flores já desabrocharam nesta primavera encantadora; as árvores cobriram-se de folhagem, vestiram-se alegremente; os campos tornaram-se vistosos, dum verde matizado e florido que realça, que dá vida e saúde.

Apetece viver as nossas aldeias com a passarada a chilrear de manhã logo, sair para os campos, atravessar os montes e ficar extasiado, lá do alto alcançado, a meditar na beleza do nosso Minho...

São belas as nossas aldeias, os nossos montes, as cidades, as vilas, os rios, as estradas...

Não admira portanto que seja agora a época das excursões.

Diz-se que Portugal é um País de Turismo. Sim, Portugal tem belezas turísticas de enamorar, paisagens dum encanto inextinguível, riqueza arquitectónica a admirar e a estudar, praias excepcionais e um sem número de motivos sempre diferentes, sempre variados por qualquer faceta que os queiramos ver e compreender.

Guimarães é um desses motivos turísticos. Não lhe faltam encantos de beleza natural, desde a Penha dos monólitos alcançados caprichosamente, aos vales de vegetação ubérrima, aos campos agora floridos, às estradas serpenteando harmoniosamente, ricamente vestidas as bermas, mais parecendo canteiros floridos...

E' belo!...

Mas há mais, muito mais. Há uma riqueza sem par através das suas ruas medievais.

Quem vê de longe a cidade, quem a espreita do cimo da montanha da Penha tem uma sensação indefinível de Beleza, dum mancha a tapetar grande parte do vale, aqui e ali canudos fumegando, e dispersos, no meio daquela extensa verdura, um aglomerado enorme de povoados mais ou menos importantes. Um artista de «paleta» firme daria uma coloração bela a esta toalha de manchas enormes, ora escuras, envelhecidas, como é o centro medieval da cidade, onde sobressairia como em Acrópole Sagrada o Castelo, o Paço dos Duques, a Muralha ameaçada, e fora deste ambiente religioso e memorável que pertence à História, um

ou outro colorido alegre de novas fachadas, que pertencem à actualidade, que lembram o franco progresso a abrir as portas até aqui fechadas da antiga urbe.

E se descermos à cidade, se percorrermos as suas ruas tortuosas, esquinadas, ora largas ora estreitas, se analisarmos as suas casas, as varandas de pau, os capitéis, as gelosias, os telhados, tudo isso, a profusão de formas, o desconexo, a variação enorme de tonalidades, as casas de motivos próprios, bem portugueses, as casas solarengas, dispersas pela urbe ficamos encantados com o que vemos. E se das ruas entrarmos nos Templos é mais uma maravilha de Arte a atestar uma Civilização e Cultura bem portuguesas que desce até à Fundação da Nacionalidade e, mesmo ainda vai mais longe, recua no tempo até Mumadona, que há mil anos fundou a Vila.

E se tudo isto são motivos para os turistas estudiosos há ainda outras razões de curiosidade e atracção como sejam o folclore regional bem presente nas romarias locais, nos cantares e maneiras de vestir, na cozinha regional e tradição hospitaleira do seu povo.

Guimarães reúne assim motivos bastantes para os mais diversos atractivos turísticos, desde os históricos, culturais, artísticos e arqueológicos ao industrial, à riqueza e variedade da sua paisagem e aos costumes e tradição das suas gentes.

Não admira portanto que o afluxo turístico a Guimarães aumente dia a dia, tanto de nacionais como de estrangeiros.

Lembramos no entanto que Guimarães não tem um bom hotel.

A Cidade e a Penha precisam de hotéis em condições para terem bom turismo.

Nesta época de renovação da cidade da Fundação pensemos abertamente nisso.

E lembrámo-lo à Comissão de Turismo local, às autoridades e aos grandes industriais que, associando-se, teriam nisso uma fonte de receita e ajudariam a desenvolver os interesses da região.

E' preciso que saibamos que os portugueses ainda não compreenderam que o Turismo é também uma indústria e de interesse nacional.

ZÉ DA ALDEIA.

TÁBUA DA LEI

Ao T. Mendes Simões

*O que abafa os ruidos dos meus passos
Neste exílio de duro e negro chão,
E' o eco de mistério e solidão
Que enche de visões meus olhos baços!*

*A atitude fraterna dos meus braços
Que se estendem de irmão para irmão,
E' súplica, amor, inquietação,
Que se crispa em espasmos de abraços!*

*Nas mil sendas de humanos ideais
Há alvares, promessas imortais
A' luz dos meus dilectos pensamentos!...*

*Sarça ardente, divino resplendor,
Tábua da lei, de acrisolado amor,
Onde brilham meus próprios mandamentos.*

I. V. C.

A IMPRENSA

— Recordando publicações de outras terras, outras gentes... —

E' um axioma indiscutível que à Imprensa cabe uma grande responsabilidade nos desastros e retrocessos da civilização, ou uma grande honra na ordem e no progresso. Tal como ela agir, assim se manifestarão os acontecimentos, a sociedade, os povos, a boa moral, o florescimento, ou o caos, com maior ou menor intensidade.

Sendo assim, todos os dirigentes de jornais ou revistas deveriam ter o máximo cuidado em evitar as descrições de crimes, de roubos, de escândalos de várias espécies, enfim, com que amudadas vezes, enchem colunas, se não páginas, em grandes parangonas encimando detalhes tão esmiuçados que vexam, deprimem, e chegam a cor-

romper os leitores que não tenham um espírito forte e uma sólida moral. Ainda, como se não fossem suficientes os pormenores em larga escala, quantos jornais e revistas recorrem à divulgação dessas descrições por intermédio da imagem! E, então, a reportagem das maldades humanas que na Imprensa deveriam dar o lugar de relevo a casos sérios e construtivos, passa a ser ainda mais vista, lida e revida. Desse modo, a Imprensa, que jamais deveria ser posta em acção na simples mira do lucro, cai numa corrente viciosa, subseqüentemente abismal, bem contrária à sua missão de edificar, elevar, curar ainda que para isso seja necessário ferir sem, contudo, descer do pedestal em que deve ser mantida.

E' desolador ver jornais e revistas quase só tratando de crimes, de escândalos, ou de banalidades sem qualquer suco sadio. E quantos dedicados à mocidade! Quantos nas mãos da gente nova — a quem temos obrigação de moldar, com todo o cuidado e carinho, os sentimentos, a moral, o carácter, enfim, se quisermos moldar, por outro lado, o dia de amanhã!

Pensando no caso, perguntamos: De quem é a culpa desse contrasenso que atinge a esfera do crime? Dos senhores desses jornais e revistas? Dos educadores? Do público em geral? Da liberdade sem responsabilidade?

Certo, a culpa cabe a cada um desses sectores — e bastaria que um deles se corrigisse para que essa nódoa na Imprensa desaparecesse.

Daí ficarmos desejando que os senhores dos jornais e revistas de feição corrosiva ainda que atraente, desse mundo por aí fora, ponham a sanidade colectiva acima de qualquer paixão — e que os educadores cuidem a valer dos seus educandos, não esquecendo que a leitura tem uma grande influência nos espíritos das gentes, mormente quando em tenra idade. Ainda, ficamos desejando que o público não aceite a Imprensa que abusa da liberdade sem responsabilidade... e assim a leve ao devido lugar!

ISAURA CORREIA SANTOS.

SOCIEDADE DE CONCERTOS «MOREIRA DE SÁ»

No dia 5 do corrente, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento, realizou a Sociedade «Moreira de Sá» o 4.º concerto da temporada, com a apresentação do violinista Charles Cyrounlick e do pianista Jean Paul Sevilla, que executaram o seguinte programa: Sonata (Francoeur), Concerto n.º 7 (Mozart), Sonata n.º 3, em ré menor (Brahms) e Tzigane (Ravel).

Estes dois artistas de categoria Internacional e, portanto, possuidores de méritos incontestáveis que revelaram neste sarau, devem ter ficado surpreendidos, habituados como estão aos grandes auditórios, com o número reduzido de assistentes. Na verdade, estes não passavam duma trintena, facto que tão deploravelmente depõe contra

BARCELOS

nos domínios do Folclore

Quem vai a Barcelos e entra pelo lado de Barcelinhos, logo o domina um belo quadro de aguarela. Junto ao rio Cávado, onde avultam na pequena elevação do terreno fronteiro à ponte as ruínas de um monumento, um templo, um pelourinho, e uma casa solarenga de velha arquitectura, tudo nos indica o valor da nobre cidade engastada na Província que nos é comum.

Ali fui no pretérito domingo, na boa companhia de João Aldão, para assistirmos ao festival-concurso onde se patentearia além do folclore da região, outras manifestações colaborantes da mesma natureza.

E, com efeito, Barcelos uma das terras minhotas onde a actividade dos estudos etnográficos e folclóricos encontra margem abundosa, sendo de destacar a quermesse pitoresca dos seus mercados — não já os correspondentes à sua *Festa das Cruzes*, mas os mesmos mercados semanais.

O local amplíssimo acolhe num só ponto da cidade todas as mercadorias, apereiras, gado, aves, louças, que é de uso acorrerem a estes certos mercados de cunho acentuadamente popular — conjunto este que se não verifica na nossa terra, sendo-nos imposta a dispersão pela falta de um local como o de Barcelos, amplo e aberto às artérias convergentes aos concelhos vizinhos.

A circunstância de ser Barcelos um centro populacional agrícola, cuja área concelhia abrange muitas freguesias, faz que os referidos mercados sejam não só uma atracção, mas um motivo de interesse turístico, pelas variedades oferecidas nos produtos de indústrias caseiras e, simultaneamente, nos trajes típicos das mulheres rurais que a esses mercados afluem.

Estes valores, que são um índice económico e etnográfico do concelho de Barcelos, ajudam singularmente o cartaz das suas festas — razão imperativa que chama a si todos quantos apreciam e querem estudar o *saber do povo* através estes certos bizarros, policrómicos.

Este ano quiseram e souberam os barcelenses levar a efeito com destaque a sua *Festa das Cruzes*, onde se aliou ao panorama rico da sua grande feira de valor pecuário

o gosto, a cultura e as predilecções artísticas da nossa terra. Porque as causas devem ser simplesmente ocasionais, é de esperar que, no futuro, a Sociedade de Concertos «Moreira de Sá», com a persistência louvável que manifesta para honra e bom nome desta cidade, terá uma justa compensação moral.

GAZETILHA

CRISES...

Fala-se para aí em crise aguda
E acerca desse mal ninguém se iluda
Que bem se faz sentir,
Avassalando vários sectores
Que já trepidam em graves temores
Dum incerto porvir.

E quem podia, enfim, adivinhar,
Que em pouco tempo haviam de acabar
Bazófilas insolentes?
E uma vida de orgulho e de grandeza
No eldorado da terra portuguesa
Que confundia as gentes?

Época de euforia a que passou,
De coisas que ninguém imaginou
E de largo espanto!
Lá se foram os lucros fabulosos
Desses tempos febris e tão ditosos
Que agora há o «falloimento»...

Lá se foi o eldorado, lá foi tudo...
Acabou o negócio tão chorudo,
A luta é desigual,
E na penúria das economias,
Há outra crise aguda em nossos dias:
— A crise de moral!

C. T.

e agrário, um programa de autêntico cartaz etnográfico e folclórico. A' punjança deste cartaz foram chamados grupos da região de Entre-Douro-e-Minho, e ainda um outro composto de coros e danças da Falange Espanhola (Galiza).

Também ali esteve Guimarães com a sua *Festada*, além de um casal para representação do traje — o qual foi distinguido em júri de classificação.

Não me proponho fazer aqui uma apreciação crítica ao certame folclórico realizado em Barcelos por iniciativa do seu Grémio do Comércio, de colaboração com os organismos oficiais do concelho e patrocínio do Secretariado Nacional. Apenas quero salientar o mérito deste notável número da sua tradicional *Festa das Cruzes*, elevada à categoria de Festa da Cidade.

Pelo que me foi dado ver, afirmo, sem reservas, que ainda não levamos a efeito em Guimarães um concurso folclórico de tanta empolgação como foi o de Barcelos.

Não que ele correspondesse em tudo, aquilo que podia ter sido. Andamos-nos, porém, ensaiando nestas paradas regionais, — umas Províncias mais que outras, uns concelhos melhor que outros.

Tudo porém nos indica que vamos em bom caminho para realizar em Portugal uma obra de grande projecção na cultura popular.

Guimarães esteve em Barcelos, não com todos os seus recursos de ordem folclórica — pois os tem em maior escala —, mas deixando, assim mesmo, ver o *flor do pano*, que é de primeira qualidade.

A *Festada* exibiu-se a par dos outros grupos concorrentes, e não ficou mal ao lado dos melhores. A sua exibição está ganhando valor coreográfico. Seus movimentos, correspondendo ao gosto regional, porque não sofrem intervenções teatrais, plenamente agradam. Como, porém, *não há bonito sem sendo*, deve ser corrigida na «Vareira descantada» uma certa deficiência, quanto ao movimento dos rins na mesura dos pares. Esta dança, a que podemos chamar *minuete campestre*, — deve ser valorizada, sujeitando os seus executantes a ensaios de apuro, para que alcancem dar-lhe o mérito coreográfico correspondente.

Não há, por nosso mal, um Parque da Cidade em Guimarães. Aquele onde se realizou, em Barcelos, o concurso a que estou aludindo, tem todas as características bucólicas indispensáveis para o sucesso destas exhibições.

Na verdade, é à sombra das árvores onde se pode encontrar a mise-en-scene mais adequada para festas de tal natureza. Enquadrar o folclore em palco de teatro ou redondel de circo, é ferir em boa parte os efeitos naturais de um espectáculo de sabor tipicamente rural.

Façamos, pois, com o exemplo de Barcelos, por que Guimarães seja no folclore nacional um valor destacado, certos que, hoje em dia, é o folclore, pela sua pureza de arte regional, quem *está dando as cartas* nas festas, nos arraiais, de cunho popular.

Cançados do progresso mecânico, precisamos, para viver melhor, um pouco de arte campestre ou serrana.

A. L. DE CARVALHO.

No «Notícias»

Esteve na nossa redacção, em visita de cumprimentos que registamos com muito reconhecimento, o ilustre director da Escola Industrial e Comercial de Braga, sr. Eng.º Jorge Segismundo Alvares Pereira de Lima, que nos veio agradecer as referências aqui feitas à visita dos alunos da mesma Escola a esta cidade e ao Sarau que promoveram no nosso Teatro.

Semana do Ultramar

No próximo dia 16, pelas 21,30 horas e na sede do Centro de Recreio Popular desta cidade, realizará uma conferência sob o tema: Jorge Barbosa, um Poeta Caboverdeano, o distinto escritor e professor da Escola Industrial e Comercial desta cidade, Sr. Dr. Amândio César.

DOS LIVROS

«Contos de Natal e Páscoa»
de Isaura Correia Santos

As possibilidades de conhecimento, análise e dedução psicológica que com tanto brilho e equilíbrio esta ilustre escritora revela nos principais personagens dos seus romances, evidenciam-se, embora de forma sucinta, pela natureza da obra, em «Contos de Natal e Páscoa», que acabamos de receber em edição da Livraria Moderna, de Pernambuco, Brasil.

Por vezes, um conto, um simples conto assemelha-se a um romance. Em poucas páginas um escritor pode superar a es-



Dona Isaura Correia Santos

trutura de muitas páginas. Isto no essencial, no fundamental que constitui a razão de ser de uma obra. Evidentemente que mister se torna dar-lhe a riqueza da síntese impressionista, humana, psicológica — o todo emocional. E de maneira que as personagens nos não apareçam frustradas na ambiência em que as des-cortinamos e na medida em que com elas nos familiarizamos até ao fim...

Neste livro de Isaura Correia Santos distinguimos, sobretudo, dois pequenos grandes contos — «Meia-Noite Redentora» e «Aque-la Porta»... Todos denotam, por- rém, um elevado sentido moral e alguns, «Alegrem-se os Céus e a Terra», «As Amêndoas e o Folar» e «Consoada», exprimem uma surpreendente ternura infantil e um inulgar poder de observação.

O realismo que envolve as figuras destes contos, corresponde a uma noção exacta e profundamente humana da autora dos vários fenómenos sociais. Do conhecimento directo dos aspectos da vida que mais importam à sua sensibilidade generosa e à sua inteligência e capacidade de compreensão e assimilação da essência dramática.

«Meia-Noite Redentora» é um drama, mas «Aque-la Porta...», no plano em que as imagens nos surgem, é um drama maior e que cabe num coração pequenino de criança.

Sobretudo, nos contos que sa- lientamos, a distinta escritora eleva-se até a um sentimento envol- vedor de fenómenos sociais e humanos, que não conhece, ape- nas. Sente-os, humanamente. E como muito bem afirmou um ilustre crítico contemporâneo, «o que interessa em arte ou deve inter-essar é o seu quantitativo hu- mano de modo a que ela seja — voluntária ou involuntariamente — um depoimento».

Estes contos são verdadeiros depoimentos, breves, sucintos, mas sinceros e penetrantes como lampejos de verdade.

S. M.

«O Ex-Libris na Família Keil»
de Adelino Vieira Neves

Em separata do «Boletim da Aca- demia Portuguesa de Ex-Libris», recebemos esta interessante comu- nicação apresentada na reunião mensal de estudos desta Academia pelo sr. Adelino Vieira Mendes, principalmente sobre a personali- dade artística do consagrado autor de «A Portuguesa», destacando com brilho os seus invulgares mé- ritos.

Sobre o monumento a levantar- lhe na Praça da Alegria, em Lis- boia, ideia já discutida em 1950, disse:

«Alfredo Keil, nado e criado em Lisboa, onde repousa e foi uma das figuras de maior relevo na música e pintura dos fins do século pas- sado, como grande amigo que foi e enlutador de Lisboa e ainda porque o pensamento da sua con- sagração já foi exteriorizado, tem o seu monumento concebido pelo ilustre escultor Teixeira Lopes, faltando apenas fundir o busto, ta-

Cartas a um Abade

III

Meu Reverendo:

Vieram os Vossos artigos dar um interesse especial ao jornal que os insere. Eu mesmo confesso que logo que o recebo, a primeira coisa que faço, é ir ler o que V. Rev.^a escreveu.

E como eu, muitos fazem o mesmo. «E' pena que sejam... uma voz no deserto... Mas isso não lhe rouba o merecimento.

Como na minha primeira carta, volto a pedir desculpa por o importunar e agora com «subtilezas» às quais V. Rev.^a respondeu com sintomáticas reticências.

Eu compreendo-as... Oh! compreendo-as muito bem... Expressões são elas, mormente quando desejava referir-me à mulher na fábrica, preferindo estender um «véu» sobre esse problema, «duma profunda gravidade moral, social e económica».

Não se pode dizer nada, do muito que há a dizer sobre esse assunto, não é verdade? Pois é... isso seria uma sangria num mundo civil-

«O Problema da Habitação»

Realiza-se hoje, às 11 horas, no centro industrial do Pevidém, freguesia de S. Jorge de Selho, no lugar da Cabreira, a solene inauguração de uma nova casa, mandada edificar pela importante Cooperativa «O Problema da Habitação», com sede no Porto, para os seus associados sr. João Leite Coelho de Lima e esposa, devendo o acto revestir-se de muito brilho.

Agradecemos o convite que nos foi feito para a cerimónia.

lhar o plinto e colocá-lo no respectivo lugar. Não vemos, pois, razões que impeçam a consumação desse acto de justiça».

Código de Policiamento Rural e Urbano

O sr. Tenente Ernesto Moreira dos Santos acaba de editar mais um suplemento do seu «Código de Policiamento Rural e Urbano», obra de muita utilidade que vem publicando de há anos a esta parte e que tem tido, mercê disso, a melhor aceitação.

No Suplemento em referência trata o autor os seguintes assuntos: Águas, Armas, Árvores Nacionais, Código das Estradas, Comércio e Indústria, Contrabando e Descaminho, Crimes contra a Economia Nacional, Crimes contra a Segurança do Estado, Espectáculos Públicos, Regime Cerealífero, Minérios, Pesos e Medidas e Vinhos, em aditamento a diversos capítulos dos tomos anteriormente editados.

Agradecemos a oferta do presente suplemento e, ainda, as amáveis palavras que a acompanharam.

Revista de Guimarães

Recebemos, há semanas já, o volume LXV (N.º 3 e 4) respeitante a Julho-Dezembro de 1955 da excelente REVISTA DE GUIMARAES, edição e propriedade da Sociedade Martins Sarmento, que, como sempre, insere valiosa colaboração, firmada por individualidades em destaque no campo da cultura. O sumário do volume que temos presente é o seguinte:

Cartas de Leite Vasconcelos a Martins Sarmento; Campaniformes ibéricos, por M. A. Smith; Acção do Homem e Morfologia do Solo, por A. de Amorim Girão; Hispanos do Sul de França, por A. Garcia y Bellido; Estação eneolítica de Liceia, por Joaquim Fontes; A transliteração dos nomes árabes, por Francisco José Veloso; Numismática de D. João V, por Raúl da Costa Gouveau; Sobre el timpano y la bomba de Ctesibio, por Júlio Caro Baroja; Sobre uma lucerna romana de bronze da Mina de Jales, por O. da Veiga Ferreira e A. Pires Teixeira; Nótula acerca de dois monólitos romanos de S. João das Lampas, por Fernando Bandeira Ferreira; Uma sessão Académica em Guimarães, em 1776, por José Baptista Barreiros; Exploração arqueológica na Citânia de Briteiros, por Mário Cardoso; Visita da Real Academia Gallega à Sociedade Martins Sarmento; Boletim.

«Gil Vicente» — Revista de Portugalidade

Recebemos os n.º 1 e 2 — Volume VIII, 2.ª série, respeitante a Janeiro e Fevereiro findos, desta publicação de que são directores os srs. D. José Ferrão e Manuel Alves de Oliveira.

O presente número tem o seguinte sumário: O Pacto do Atlântico e o conflito entre o Oriente e o Ocidente, por Henrique Martins de Carvalho; Liberdade, Realidade e República, por José de Abreu; Fundamentos para uma Sociologia renovada, por Júlio Menezes Rodrigues Ribeiro; Gentileza de Amigos — Agradeci-

mento.

tado e corrompido... na citada frase de Pio XI.

Recordo-me de ter lido um artigo vosso, intitulado: «A religião na vida social do homem». Li-o e apreciei-o como merecia. Deduzi que a religião tem lugar de relevo na vida humana.

Aqueles questionários finais, tão oportunos como incisivos, pareceram-me incompletos: porém, mesmo assim, vieram pôr diante da consciência, quer do patrão, quer do operário um número de perguntas sérias e muito dignas de reflexão. Ao examiná-las, cuidadosamente, concluí, cá para mim, que os princípios rígidos da moral têm, efectivamente, largo espaço a ocupar no âmbito da Sociologia. Será a falta de moral nas relações sociais uma das principais causas do tremendo desequilíbrio social reinante?

Na verdade, por toda a parte se verifica uma falta acentuada de consciência.

Parece que o mundo novo, que a técnica está criando, se revela alheio aos princípios da moral.

Há uma ansia nas almas — ansia de grandes lucros, desejos de enriquecer depressa e de qualquer maneira...

Esta ganância de riqueza não terá reflexos na consciência humana?

Há no mundo de hoje grandes males. Eu não queria chamar-lhes «pecado», mas talvez sejam.

E esses grandes males não terão a sua raiz na deformação da consciência do homem?

V. Rev.^a dirá. Reportando-me ainda a um outro artigo, lembro-me desta frase: «As leis do trabalho obrigam em consciência». Poderá explicar um bocadinho mais, o sentido concreto desta afirmação?

Em que medida entra o tratado da justiça no âmbito das relações existentes entre patrões e operários por via do trabalho?

Desculpe V. Rev.^a massacrá-lo com perguntas... São vários amigos meus, leitores atentos dos vossos artigos, que mas apontam.

Bem sabemos todos que lhe roubamos tempo precioso, mas é dum padre como V. Rev.^a tão interessado pela causa operária, que desejávamos obter o necessário esclarecimento.

E como sempre, para V. Rev.^a os nossos melhores cumprimentos.

TEODORO.

O Sarau dos Alunos da Escola Ind. e Com. de Braga

Realizou-se na 4.ª-feira, no nosso Teatro Jordão, o anunciado sarau levado a efeito pelos alunos da Escola Industrial e Comercial de Braga, e cujo produto líquido reverteu a favor de duas instituições beneficentes da nossa Terra: Asilo de S.ta Estefânia e Oficinas de S. José.

No decorrer do sarau, que foi realmente digno de nota, pela impecável execução de todo o bem elaborado programa, o público, que era numeroso, dispensou fatos e merecidos aplausos aos visitantes.

O Orfeão, sob a regência do Maestro Rev. Alberto Brás, agradeceu sobremaneira. Digna de louvor especial a parte dos Bailados de Sonho e Fantasia, num conjunto deveras encantador.

O Auto do Bom Pastor satisfez, igualmente, pelo bom desempenho.

Foi um espectáculo que deixou agradáveis impressões em todas as pessoas que a ele assistiram.

O Sarau dos Alunos da Escola Ind. e Com. de Braga

Realizou-se na 4.ª-feira, no nosso Teatro Jordão, o anunciado sarau levado a efeito pelos alunos da Escola Industrial e Comercial de Braga, e cujo produto líquido reverteu a favor de duas instituições beneficentes da nossa Terra: Asilo de S.ta Estefânia e Oficinas de S. José.

No decorrer do sarau, que foi realmente digno de nota, pela impecável execução de todo o bem elaborado programa, o público, que era numeroso, dispensou fatos e merecidos aplausos aos visitantes.

O Orfeão, sob a regência do Maestro Rev. Alberto Brás, agradeceu sobremaneira. Digna de louvor especial a parte dos Bailados de Sonho e Fantasia, num conjunto deveras encantador.

O Auto do Bom Pastor satisfez, igualmente, pelo bom desempenho.

Foi um espectáculo que deixou agradáveis impressões em todas as pessoas que a ele assistiram.

te e corrompido... na citada frase de Pio XI.

Recordo-me de ter lido um artigo vosso, intitulado: «A religião na vida social do homem». Li-o e apreciei-o como merecia. Deduzi que a religião tem lugar de relevo na vida humana.

Aqueles questionários finais, tão oportunos como incisivos, pareceram-me incompletos: porém, mesmo assim, vieram pôr diante da consciência, quer do patrão, quer do operário um número de perguntas sérias e muito dignas de reflexão. Ao examiná-las, cuidadosamente, concluí, cá para mim, que os princípios rígidos da moral têm, efectivamente, largo espaço a ocupar no âmbito da Sociologia. Será a falta de moral nas relações sociais uma das principais causas do tremendo desequilíbrio social reinante?

Na verdade, por toda a parte se verifica uma falta acentuada de consciência.

Parece que o mundo novo, que a técnica está criando, se revela alheio aos princípios da moral.

Há uma ansia nas almas — ansia de grandes lucros, desejos de enriquecer depressa e de qualquer maneira...

Esta ganância de riqueza não terá reflexos na consciência humana?

Há no mundo de hoje grandes males. Eu não queria chamar-lhes «pecado», mas talvez sejam.

E esses grandes males não terão a sua raiz na deformação da consciência do homem?

V. Rev.^a dirá. Reportando-me ainda a um outro artigo, lembro-me desta frase: «As leis do trabalho obrigam em consciência». Poderá explicar um bocadinho mais, o sentido concreto desta afirmação?

Em que medida entra o tratado da justiça no âmbito das relações existentes entre patrões e operários por via do trabalho?

Desculpe V. Rev.^a massacrá-lo com perguntas... São vários amigos meus, leitores atentos dos vossos artigos, que mas apontam.

Bem sabemos todos que lhe roubamos tempo precioso, mas é dum padre como V. Rev.^a tão interessado pela causa operária, que desejávamos obter o necessário esclarecimento.

E como sempre, para V. Rev.^a os nossos melhores cumprimentos.

TEODORO.

Minha Senhora:

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Estamos no ano em que serão devidamente comemoradas as Bodas de Ouro das Festas Gualterianas, assunto que, já há meses, ventilei numa das minhas cartas, não com a intenção de me ser conferida a primazia nesse sentido, mas apenas por que quis acentuar esse facto para me referir à melhor oportunidade de ser prestada a justa homenagem aos seus fundadores, ainda representados pelo único sobrevivente, sr. Camilo Laranjeiro dos Reis, que foi um dos grandes entusiastas de então.

Hoje, que a Imprensa está em contacto com esse acontecimento, apenas pretendo lembrar um acto de justiça perante esse grupo de Homens que, em 1906, conseguiu, pela primeira vez, a sua realização com grande brilho.

E quando falo num acto de justiça, quero, sobretudo, destacar a falta do retrato do falecido José de Freitas Costa Soares na galeria da antiga Associação Comercial, hoje transformada em Grémio do Comércio, onde só esse elemento não se encontra representado, como era de inteira justiça. Pelo menos, alguém me apontou essa falta e, portanto, se ela ainda subsistir, poderá desaparecer em Agosto próximo, a melhor ocasião para a reparar. No entanto, se já se encontrar reparada, limito-me a felicitar quem tiver praticado essa merecida consagração.

Há quem diga que o tempo não vai para Festas, mas se por um lado assim será, por outro lado torna-se necessário que não passe despercebida a data que marca meio século de existência das Gualterianas.

Eu sei que têm razão os que pedem pão para matar a fome e não o conseguem e que, por esse motivo, não se conformam com Festas dispendiosas, mas a verdade é que, dentro dessa ordem de ideias, com mais justiça deveriam reclamar contra a falta de Caridade das pessoas que provocam a miséria com os seus esbanjamentos e contra aquelas que, não esbanjando, são escravas da ganância e da avareza, negando-se a dar uma esmola e a socorrer uma Instituição de beneficência. Quanto a essas, que são a negação absoluta da solidariedade humana, nada poderá justificar a sua existência a não ser a infinita Misericórdia Divina.

De resto, as Festas de que falo a V. Ex.^a também dão pão a muita gente necessitada e, por isso, além de significarem a continuidade de uma tradição, como, aliás, sucede em muitas terras, têm a seu favor mais esse aspecto.

Não sei como a Senhora interpretará estas considerações feitas a propósito de comentários que tenho ouvido, mas espero que, pelo menos, não fique com a impressão de que tenho interesses materiais ligados às Festas. Tenho sim — e isso não o posso negar — os melhores desejos de que as Bodas de Ouro dessas Festas constituam mais uma nota do bairrismo dos Vimaraneses e mais uma revelação da sua vontade de consagrar os maiores e os melhores obreiros do bairrismo dessa época, quer perante a geração actual, quer perante os vindouros, estes como legítimos continuadores de qualidades e de virtudes que dignificam um povo.

Sempre que se diz «que o futuro a Deus pertence», exprime-se um conceito que não deverá merecer qualquer hesitação, mas com isso não se quer dizer que no presente não se prepare o caminho para o futuro, assim como o passado o preparou para o presente.

Sendo assim, verificamos, com mais sólida justificação, a necessidade de comemorar condignamen-

te o quinquagésimo aniversário das Festas Gualterianas com um programa onde não falte a rotagem de saudade junto daqueles que morreram, mas não foram nem serão esquecidos.

E como «recordar é viver» — e quantas recordações andam ligadas ao sol nascente de tempos passados! — Guimarães recordará a data inicial das suas Festas, cuja projecção continuará a não deixar esquecer os nomes dos seus fundadores.

Maio de 1966. De V. Ex.^a cd.º ven.º e obg.º X.

Conforme consta do relato da última sessão camarária, a Câmara Municipal resolveu conceder licença ao Grémio do Comércio para vedar o Jardim Público, de Junho até Agosto, para ali se realizarem festivais com vista à angariação de receita para as Festas da Cidade.

Isto sugere-nos uns breves comentários que, estamos plenamente certos, correspondem ao sentir geral da opinião pública.

Não é admissível que esteja fechado durante os meses de verão, precisamente na época em que a nossa gente o costuma frequentar, às noites, passando ali umas horas agradáveis, aquele recinto que é público. Estamos convencidos que, se alguém tem como objectivo obter receita com isso, se enganará redondamente, o que de resto está provado já com outras iniciativas anteriores.

As Festas da Cidade têm de fazer-se e com esplendor capaz de corresponder à celebração das Bodas de Ouro, já anunciadas em reclames que correm o País, através da correspondência das casas comerciais.

Impõe-se à Comissão — uma vez que esta esteja já constituída, o que ignoramos — trabalhar com dedicação, com entusiasmo, seguindo os passos daquelas que a precederam durante longos anos, mas sem recorrer a meios que nada podem resultar e caem no desagrado público, como aquele que se anuncia, relativamente aos festivais no Jardim, como se estivéssemos em qualquer aldeola, a fazer rifas para uma Cascata Sanjoaneira.

Está de há muito indicado, como um dos meios de angariação de fundos, a subscrição pública e somos de parecer que vão sendo horas de esta se iniciar. Isso representa — bem o sabemos, até por experiência própria — um sacrifício e grande, mas nada se obtém sem trabalho. De resto a Cidade saberá corresponder ao apelo que lhe for feito e à volta da Direcção do Grémio do Comércio não faltará a colaboração dos anos anteriores, disso estamos certos, para que possa vencer todas as dificuldades.

E depois cá estaremos, todos, a premiar, com os nossos aplausos e louvores, tudo quanto ela fizer a bem de Guimarães.

Um reparo a tempo

Conforme consta do relato da última sessão camarária, a Câmara Municipal resolveu conceder licença ao Grémio do Comércio para vedar o Jardim Público, de Junho até Agosto, para ali se realizarem festivais com vista à angariação de receita para as Festas da Cidade.

Isto sugere-nos uns breves comentários que, estamos plenamente certos, correspondem ao sentir geral da opinião pública.

Não é admissível que esteja fechado durante os meses de verão, precisamente na época em que a nossa gente o costuma frequentar, às noites, passando ali umas horas agradáveis, aquele recinto que é público. Estamos convencidos que, se alguém tem como objectivo obter receita com isso, se enganará redondamente, o que de resto está provado já com outras iniciativas anteriores.

As Festas da Cidade têm de fazer-se e com esplendor capaz de corresponder à celebração das Bodas de Ouro, já anunciadas em reclames que correm o País, através da correspondência das casas comerciais.

Impõe-se à Comissão — uma vez que esta esteja já constituída, o que ignoramos — trabalhar com dedicação, com entusiasmo, seguindo os passos daquelas que a precederam durante longos anos, mas sem recorrer a meios que nada podem resultar e caem no desagrado público, como aquele que se anuncia, relativamente aos festivais no Jardim, como se estivéssemos em qualquer aldeola, a fazer rifas para uma Cascata Sanjoaneira.

Está de há muito indicado, como um dos meios de angariação de fundos, a subscrição pública e somos de parecer que vão sendo horas de esta se iniciar. Isso representa — bem o sabemos, até por experiência própria — um sacrifício e grande, mas nada se obtém sem trabalho. De resto a Cidade saberá corresponder ao apelo que lhe for feito e à volta da Direcção do Grémio do Comércio não faltará a colaboração dos anos anteriores, disso estamos certos, para que possa vencer todas as dificuldades.

E depois cá estaremos, todos, a premiar, com os nossos aplausos e louvores, tudo quanto ela fizer a bem de Guimarães.

Maio de 1966. De V. Ex.^a cd.º ven.º e obg.º X.

Conforme consta do relato da última sessão camarária, a Câmara Municipal resolveu conceder licença ao Grémio do Comércio para vedar o Jardim Público, de Junho até Agosto, para ali se realizarem festivais com vista à angariação de receita para as Festas da Cidade.

Isto sugere-nos uns breves comentários que, estamos plenamente certos, correspondem ao sentir geral da opinião pública.

Não é admissível que esteja fechado durante os meses de verão, precisamente na época em que a nossa gente o costuma frequentar, às noites, passando ali umas horas agradáveis, aquele recinto que é público. Estamos convencidos que, se alguém tem como objectivo obter receita com isso, se enganará redondamente, o que de resto está provado já com outras iniciativas anteriores.

As Festas da Cidade têm de fazer-se e com esplendor capaz de corresponder à celebração das Bodas de Ouro, já anunciadas em reclames que correm o País, através da correspondência das casas comerciais.

Impõe-se à Comissão — uma vez que esta esteja já constituída, o que ignoramos — trabalhar com dedicação, com entusiasmo, seguindo os passos daquelas que a precederam durante longos anos, mas sem recorrer a meios que nada podem resultar e caem no desagrado público, como aquele que se anuncia, relativamente aos festivais no Jardim, como se estivéssemos em qualquer aldeola, a fazer rifas para uma Cascata Sanjoaneira.

Está de há muito indicado, como um dos meios de angariação de fundos, a subscrição pública e somos de parecer que vão sendo horas de esta se iniciar. Isso representa — bem o sabemos, até por experiência própria — um sacrifício e grande, mas nada se obtém sem trabalho. De resto a Cidade saberá corresponder ao apelo que lhe for feito e à volta da Direcção do Grémio do Comércio não faltará a colaboração dos anos anteriores, disso estamos certos, para que possa vencer todas as dificuldades.

E depois cá estaremos, todos, a premiar, com os nossos aplausos e louvores, tudo quanto ela fizer a bem de Guimarães.

Maio de 1966. De V. Ex.^a cd.º ven.º e obg.º X.

Conforme consta do relato da última sessão camarária, a Câmara Municipal resolveu conceder licença ao Grémio do Comércio para vedar o Jardim Público, de Junho até Agosto, para ali se realizarem festivais com vista à angariação de receita para as Festas da Cidade.

Isto sugere-nos uns breves comentários que, estamos plenamente certos, correspondem ao sentir geral da opinião pública.

Não é admissível que esteja fechado durante os meses de verão, precisamente na época em que a nossa gente o costuma frequentar, às noites, passando ali umas horas agradáveis, aquele recinto que é público. Estamos convencidos que, se alguém tem como objectivo obter receita com isso, se enganará redondamente, o que de resto está provado já com outras iniciativas anteriores.

As Festas da Cidade têm de fazer-se e com esplendor capaz de corresponder à celebração das Bodas de Ouro, já anunciadas em reclames que correm o País, através da correspondência das casas comerciais.

Impõe-se à Comissão — uma vez que esta esteja já constituída, o que ignoramos — trabalhar com dedicação, com entusiasmo, seguindo os passos daquelas que a precederam durante longos anos, mas sem recorrer a meios que nada podem resultar e caem no desagrado público, como aquele que se anuncia, relativamente aos festivais no Jardim, como se estivéssemos em qualquer aldeola, a fazer rifas para uma Cascata Sanjoaneira.

Está de há muito indicado, como um dos meios de angariação de fundos, a subscrição pública e somos de parecer que vão sendo horas de esta se iniciar. Isso representa — bem o sabemos, até por experiência própria — um sacrifício e grande, mas nada se obtém sem trabalho. De resto a Cidade saberá corresponder ao apelo que lhe for feito e à volta da Direcção do Grémio do Comércio não faltará a colaboração dos anos anteriores, disso estamos certos, para que possa vencer todas as dificuldades.

E depois cá estaremos, todos, a premiar, com os nossos aplausos e louvores, tudo quanto ela fizer a bem de Guimarães.

Maio de 1966. De V. Ex.^a cd.º ven.º e obg.º X.

Conforme consta do relato da última sessão camarária, a Câmara Municipal resolveu conceder licença ao Grémio do Comércio para vedar o Jardim Público, de Junho até Agosto, para ali se realizarem festivais com vista à angariação de receita para as Festas da Cidade.

Isto sugere-nos uns breves comentários que, estamos plenamente certos, correspondem ao sentir geral da opinião pública.

Não é admissível que esteja fechado durante os meses de verão, precisamente na época em que a nossa gente o costuma frequentar, às noites, passando ali umas horas agradáveis, aquele recinto que é público. Estamos convencidos que, se alguém tem como objectivo obter receita com isso, se enganará redondamente, o que de resto está provado já com outras iniciativas anteriores.

As Festas da Cidade têm de fazer-se e com esplendor capaz de corresponder à celebração das Bodas de Ouro, já anunciadas em reclames que correm o País, através da correspondência das casas comerciais.

Impõe-se à Comissão — uma vez que esta esteja já constituída, o que ignoramos — trabalhar com dedicação, com entusiasmo, seguindo os passos daquelas que a precederam durante longos anos, mas sem recorrer a meios que nada podem resultar e caem no desagrado público, como aquele que se anuncia, relativamente aos festivais no Jardim, como se estivéssemos em qualquer aldeola, a fazer rifas para uma Cascata Sanjoaneira.

Está de há muito indicado, como um dos meios de angariação de fundos, a subscrição pública e somos de parecer que vão sendo horas de esta se iniciar. Isso representa — bem o sabemos, até por experiência própria — um sacrifício e grande, mas nada se obtém sem trabalho. De resto a Cidade saberá corresponder ao apelo que lhe for feito e à volta da Direcção do Grémio do Comércio não faltará a colaboração dos anos anteriores, disso estamos certos, para que possa vencer todas as dificuldades.

E depois cá estaremos, todos, a premiar, com os nossos aplausos e louvores, tudo quanto ela fizer a bem de Guimarães.

Maio de 1966. De V. Ex.^a cd.º ven.º e obg.º X.

Conforme consta do relato da última sessão camarária, a Câmara Municipal resolveu conceder licença ao Grémio do Comércio para vedar o Jardim Público, de Junho até Agosto, para ali se realizarem festivais com vista à angariação de receita para as Festas da Cidade.

Isto sugere-nos uns breves comentários que, estamos plenamente certos, correspondem ao sentir geral da opinião pública.

Não é admissível que esteja fechado durante os meses de verão, precisamente na época em que a nossa gente o costuma frequentar, às noites, passando ali umas horas agradáveis, aquele recinto que é público. Estamos convencidos que, se alguém tem como objectivo obter receita com isso, se enganará redondamente, o que de resto está provado já com outras iniciativas anteriores.

As Festas da Cidade têm de fazer-se e com esplendor capaz de corresponder à celebração das Bodas de Ouro, já anunciadas em reclames que correm o País, através da correspondência das casas comerciais.

Impõe-se à Comissão — uma vez que esta esteja já constituída, o que ignoramos — trabalhar com dedicação, com entusiasmo, seguindo os passos daquelas que a precederam durante longos anos, mas sem recorrer a meios que nada podem resultar e caem no desagrado público, como aquele que se anuncia, relativamente aos festivais no Jardim, como se estivéssemos em qualquer aldeola, a fazer rifas para uma Cascata Sanjoaneira.

Está de há muito indicado, como um dos meios de angariação de fundos, a subscrição pública e somos de parecer que vão sendo horas de esta se iniciar. Isso representa — bem o sabemos, até por experiência própria — um sacrifício e grande, mas nada se obtém sem trabalho. De resto a Cidade saberá corresponder ao apelo que lhe for feito e à volta da Direcção do Grémio do Comércio não faltará a colaboração dos anos anteriores, disso estamos certos, para que possa vencer todas as dificuldades.

E depois cá estaremos, todos, a premiar, com os nossos aplausos e louvores, tudo quanto ela fizer a bem de Guimarães.

Maio de 1966. De V. Ex.^a cd.º ven.º e obg.º X.

PROBLEMAS SOCIAIS

Continuação da 1.ª página

o seu carinho para com a classe operária, é na promoção contínua de obras diocesanas, avultando especialmente, os Seminários.

Vinte e quatro anos vai contar, breve, o seu governo pastoral na Diocese de Braga e as obras iniciadas pelo seu Predecessor, de santa memória, o Sr. D

Crônicas para maiores de 50 anos

XXIV

Estes serões de que vou falando eram os mais concorridos de Famílias e nem todas as noites se realizavam com tanto concurso de juventude, mas eram muito frequentes e algumas vezes até, se houvesse piano, ou bastava um bandolim, instrumento muito em voga, se praticava o seu «pé de dança» de valsas, polcas e mazurcas, que as palhaçadas das coreografias de agora, além de serem desconhecidas, seriam proibidas pelas atitudes inconvenientes e até faltas de elegância.

Às vezes compunha-se uma dança de roda como esta que parece ter desaparecido completamente do cenário actual, e no entanto tão encantadora que é pena não se poder reviver:

«E ponha aqui, e ponha aqui o seu
E ponha aqui, e ponha aqui ao pé
[do meu.]»

Mas vá-se lá convencer esta mocidade de agora, habituada à «média luz» e aos pulos e cabriolas de certas danças actuais, de que as antigas eram muito mais elegantes e condiziam com uma educação esmerada que não permitia a uma rapariga dançar com qualquer rapaz, sem previamente ter sido apresentado cerimoniosamente aos respectivos Papás.

Como poderia um moço de agora, de mangas arregaçadas e camisa estampada por fora das calças, de cabelos em «permanente» (que já os tenho visto), habituado às palhaçadas do *bugui-ugui* (não sei se é assim que se chama uma espécie de batuque que está em moda), ter o aprumo e a correcção de tomar a mão de uma rapariga para a conduzir, já não digo num minuete, ao menos num *pas de quatre* tão cerimonioso, elegante e cheio de reverências?

Não me admiro disso porque vi numa revista as gravuras da inauguração do edifício reconstruído da Ópera de Viena e entre elas a do grandioso baile em que estudantes e actrizes, vestidos à moda do nosso tempo, dançaram entre outras a valsa «Danúbio Azul», num ambiente que recordava os bons tempos das valsas vieneses.

Para contraste a gravura de dois *princeses*, um *princês* e uma *princesa*, que dançaram o tal *bugui-ugui*, talqualmente um batuque de pretos de que possuo uma fotografia, e isto no baile que a Câmara ofereceu aos seus visitantes no Palácio em que viveram os augustos Avós daqueles dois rebentos, esquecidos das reverências e cerimónias do passado.

E falem-me outra vez da Tradição...

Mas as pessoas crescidas entretinham-se de outra maneira; as matronas e as Tias solteironas naquela conversa pegada das cozinhadas, modas, receitas de cozinha, preço dos ovos e da carestia do «peixe», porque as fanecas, congro,

sardinhas, linguados e outras variedades não eram peixe — peixe era a pescada.

E se fosse só esse o tema das conversas ainda vá lá, mas também invadia a crítica da vida da cidade, dos vizinhos, etc., etc., mas para que estou a enumerar os casos que se debatiam se são sempre os mesmos, naquele tempo, agora e no futuro?

Isto em parte, e aqui para nós, também se aplica à conversa dos homens, porque afinal sobre o que é que se há-de conversar senão no que se observa, ou na vida geral, ou na particular?

Os homens arranchavam à parte nas mesas do jogo do *wist*, ou *voltarete*, entretidíssimos e às vezes engalfinhados nas suas peripécias sem darem pela passagem do tempo.

Ainda as mulheres não pegavam numa carta, nem passavam horas esquecidas no jogo da canasta, nem pensavam que tal distração pudesse chegar a constituir um vício.

Não falando no cigarro por que já puxam as raparigas e madamas de agora, num à-vontade a que só falta aquele esguicho de cuspo, por entre os dentes, que distinguia os fumadores dos cigarros fortes, e, já agora, e como ornamento recomendável, a «beata» atrás da orelha.

Já passou o tempo em que um cinzeiro no quarto de uma mulher inspirava versos como estes:

«Maria da Graça é uma
Morena d'olhos em brasa,
I've sôzinha, não Juma,
Mas tem cinzeiros em casa».

Lembram-se os meus contemporâneos da época em que se falava das «mulheres que fumam?».

Quão extravagantes são as origens de certas modas...

Mas continuemos com os nossos pacatos e comedidos serões dos bons tempos da infância e juventude.

Lá por essas dez horas vinha a bandeja de prata com o bule coberto do abafador acolchoado, ou em forma de gato, de parreco, ou galinha choca, e servia-se o chá com os massapães, paciências e aqueles biscoitos das Lages cheios de piquinhos, as torradas de pão de Ovelhinha ou de «modelos», que à tarde saíam muito quentinhos da padaria da Praça.

Era este o tal chá de que agora se não fala, o tal chá «que se tomava em criança», e que agora tanta falta faz por esse Mundo fora, nauja em Guimarães, onde me parece que ainda o usam, sem o substituírem pelo *whisky* ou *wodka*, em que as mulheres de hoje lhe cascam pela medida grande como qualquer guarda-nocturno numa noite de Inverno.

Hão-de desculpar estas rabujices de quem viveu a melhor época da vida no tempo em que tudo isto eram heresias.

Nas casas mais modestas o serão era mais pacato e quase só com a assistência de pessoas de Família e uma ou outra de amizade mais chegada.

Na casa da minha Avó, no fim da Rua da Rainha, à entrada do Largo da Oliveira, juntava-se a Família, que todos morávamos por ali perto, a minha Madrinha e Tia Rosa de Novais Teixeira, a única que resta dessa geração de matronas exemplares, modelo vivo de constante labor caseiro, que ainda agora com 87 anos passa o seu tempo a fazer as antigas colchas de *crochet*, já um pouco esquecida dos tempos presentes, mas tendo vivas as imagens e recordações das amigas da sua mocidade, por quem a cada passo enternecidamente pergunta: a D. Mariquinhas Pinto, senhora por quem todos nós, os da Família, conservamos a maior veneração, as primas Ribeiro de S. Paio, a senhora Dolores Bambóia, que quase nos viu nascer e nos trouxe ao colo e era a assistente técnica da feitura do doce de calondro, e muitas mais que já se foram.

Minha Mãe, Tia Belém, Tias Oliveira e Mariquinhas juntavam-se em volta da brascira e do candeeiro de petróleo nessas conversas já citadas, entretidas nos trabalhos domésticos de bordar as iniciais entrelaçadas nas travessieras, nos lenços e no bragal, a fazer incia, os coturnos que nós usávamos, e a pregar os botões que perdíamos.

Eu e minhas irmãs, a Raquel Correia, o Mário e a Elvira (o Zé Correia já ia para o café) éramos o grupo das histórias, do jogo do anel e às vezes o Mário recitava, e o Joaquim Novais Teixeira, ao lado da Aninhas, ainda muito pequenos para tomarem parte nestes entretenimentos, assistia como espectador e crítico benévolo e já a adquirir as bases da sua vida profissional de que é mestre consagrado.

Corria assim o serão neste ambiente tranquilo até que, aí pelas nove horas da noite, o sino grande da Colegiada lançava os três toques sonoros, profundos, melancólicos e espaçados das Trindades, e logo minha Avó, interrompendo as conversas:

«O Anjo do Senhor anunciou Maria
por obra e Graça do Divino
Espírito Santo»
«Avé Maria, cheia de Graça...»

Depois era o Terço «deitado» por minha Avó a que todos nós, interrompendo a *soirée*, e os restantes continuando os seus afazeres, respondíamos com os «Santa Maria, Mãe de Deus...», dos cinco mistérios até à Ladainha, rezada de joelhos.

Começava então a minha Avó a recitar as excelsas qualidades de Maria no seu latim trôpego, que daria um desmaio ao Padre Faria:

«Turres et burres
Joana do Celi
.....»

E nós, em coro: «Orá per nobes».

Poema para E.

O ar ficou suspenso. Eu estava no seu sorriso e nas suas palavras e nas suas carícias.
O turbilhão do ar, cheio de pó absorveu as recordações num vórtice de pranto.
E desperto olhei ao cinéreo alento flutuante no gelado e turbo vento.
Tudo foi um sonho. — Curto? — Longo? — sem tempo.
Eu estava na sua boca num longo beijo doce. E os sonhos eram breves e sem fim.
Era um beijo de música, de carícias e de aromas.
E sem o tempo, voltei atrás pelo centro da senda umbria.
Os Jarbís estavam magros como esqueletos metálicos e sem brilho de ilusões.
O vento curria sobre o úmido arroio, e eu voltei atrás, só, sem o ar e sem o tempo.
O frio gelava as lágrimas nas pupilas, fazendo-as de vidro crepitante debaixo dos pés.
Pensei que os mortos choravam também vidro claro e fundido: sem arestas.
E num momento fiquei na sua boca, num beijo longo e sem alento, apertado com ânsia
Para que o vento não me arrastasse para fora do meu sonho!

Madrid, 20 Nov. 55.

M. D. D.

(Trad. de Agnelo Correia Jr.)

O primeiro romance brasileiro Câmara Municipal

REUNIAO DE 10-5-956

A Câmara, sob a presidência do Engenheiro Senhor António Rodrigo de Araújo Pinheiro, Vice-Presidente em exercício, deliberou:

— Fazer-se representar pelos seus membros nas comemorações do XXX Aniversário da Revolução Nacional a realizar em Braga;

— Conceder autorização ao Grémio do Comércio do Concelho de Guimarães, para vedação do Jardim Público desta cidade, a partir dos princípios de Junho próximo e até à realização das Festas Gualtarianas, afim de serem ali feitos alguns arranjos com vista à arrecadação de receita para a realização daquelas festas;

— Permitir o isolamento da lixeira existente na Travessa de Camões por meio de muro que deverá ter a altura de 1,20 metros encimado por guarda vasada com a altura de 50 centímetros mediante a aprovação prévia do projecto;

— Conceder licença a António Joaquim Antunes para proceder à reparação de um prédio sito na Rua de Traz Gaia, desta cidade, devendo o W. C. exterior ser encorporado no perímetro da habitação, com instalações sanitárias adequadas e com uma fossa séptica;

— Conceder licença a António Martins Ribeiro da Silva para reconstruir a sua fábrica na parte que foi devorada por um incêndio, mediante a apresentação de um termo de renúncia em como o requerente não exige qualquer indemnização à Câmara pela provável demolição da obra que pretende executar, por virtude de obras previstas no Antepiano de Urbanização;

— Conceder licença para obras a: Janeiro de Almeida, António Braga Ribeiro Capela, Bernardino Alves Marinho, Alfredo Tomé da Costa e Manuel de Abreu;

— Conceder licença de habitação de harmonia com os respectivos autos de vistoria a Paulo Leite de Oliveira e Joaquim Francisco da Silva;

— Rectificar o despacho do Exmo. Vice-Presidente que ordenou o embargo dum armazém em construção no Largo Dr. João da Mota Prego, desta cidade, por D. Maria de Belém Almeida Ferreira, visto não possuir a necessária licença camarária;

— Adjudicar à firma Pinto da Costa, Ltd. de Freamunde, o fornecimento de material e mobiliário para diversos postos escolares e Escolas de Santa Luzia, na importância total de 10.871\$00;

— Adquirir o terreno necessário para construção de um edifício escolar em Moreira de Cónegos contanto que a respectiva Junta de Freguesia garanta, pelo menos, o contributo de 50% na base de 20\$00 cada metro quadrado;

— Que a firma concessionária proceda à execução da obra de iluminação pública da freguesia de Lordelo;

— Abrir concurso para a obra de adaptação de uma dependência a instalações sanitárias para as escolas Centrais;

(Continua na página seguinte)

APRENDER ATÉ MORRER

O Buçaco

Tem fama universal no País a majestosa floresta e os esplêndidos panoramas que se desfrutam dos pontos culminantes, mormente nas portarias de Coimbra e da Rainha, nos sítios do Sepulcro e na Cruz Alta.

A região, escolhida em 1628 para fundação do mosteiro, não era um ermo. Algum arvoredo silvestre, desigualmente distribuído, existia no

Monte Buzaco desde tempos imemoriais, a julgar de documentos medievais em latim bárbaro. As águas abundantes das fontes e ribeiros sempre espalham pelas devesas uma frescura aprazível e certa fecundidade, garantindo bons resultados a quem modesta mas cuidadosamente as cultivasse.

Enriquecido constantemente o solo pela folhagem caduca, tudo que as árvores auferiam da terra em alimentos, lho

devolviam em uberidade. Daí uma vegetação cada vez mais viçosa; as plantas sarmentosas espreguçando-se, esbracejando e contorcendo-se, a cercarem de arabescos troncos e ramos dos veteranos da montanha; nas eminências, o tojo dissimulando as asperezas dos rochedos nas gemas das suas flores; a urze, tocada com os seus penachos rosados; a esteva e o sargaço desdobiando as largas pétalas de imaculada alvura; nos valciros, pelo chão, os fetos e espalmarem suas frondes, e milhares de ervas cheirosas a perfumarem o ambiente; pe-

las pedras, pelos troncos e pelos ramos o musgo, formando pequenos bancais de veludo em todos os tons verdes, desde o mais claro ao mais escuro, ensinando aos industriosos a arte com que se encobre um esqueleto de pedra ou madeira, com fofa alcatifa policrómica.

Viana do Castelo

Se, chegando ao castelo, quisermos voltar à direita, ficamos então logo à esquerda o Oceano, e assim prosseguiremos pelo Campo da Agonia,

alinhado por um seguimento de arvoredo até à capela que tem por trono o monte de Santa Luzia, ponto de vista admirável.

Toda esta linha dos cais, acabada de percorrer desde a ponte ao castelo, e, voltando, desde o castelo até à ponte, entre o Lima e a cidade, é um enlevo: Em vistosa correnteza e em contrastes de construções, ali estão as casas particulares pintadas a cores diferentes, ali os hotéis, os consolados, os depósitos de tabacos, a alfândega, os escritórios mercantis, os estabelecimentos comerciais mais im-

portantes. Às sexta-feiras o grande mercado figura um verdadeiro baile de máscaras, tal é a variedade e a elegância dos trajes campestres que apresentam os milhares de raparigas ali concorrem, e pela semana adiante navios a descarregar, barcos importando peixe, o estaleiro a trabalhar, e este espectáculo, à beira do rio, com o mar à direita, o pitoresco das serras na frente, e as paisagens do Lima atapeitando as planícies da esquerda...

D. António da Costa, No Minho.

Castro, Teixeira & Carvalho

ARMAZENISTAS DE MERCEARIAS
AVENIDA CONDE MARGARIDE TEL. 40249

AGENTES DAS CERVEJAS

SAGRES

PRETA (MUNICH)

PÉROLA

IMPERIAL

DE LUXO

ONIX (PRETA)

TOPÁZIO

DAS ÁGUAS

SABUGA CASTELO

SAMEIRO

DOS REFRIGERANTES E LARANJADAS

(358)

JORNALISMO DO BRASIL

Passou mais um aniversário, o 25.º, da entrada de Herbert Moses para a presidência da Associação Brasileira de Imprensa.

Este quarto de século de funções directivas ao serviço do prestígio e da defesa dos interesses dos jornalistas do Brasil transformou o homem que as desempenhou numa das mais eminentes personalidades da vida brasileira. Compreende-se, por isso, a repercussão que teve o aniversário do chamado «consulado de Moses». As homenagens a Herbert Moses multiplicaram-se. Na própria Câmara dos Deputados federal, como aconteceu no Senado, foi posta em relevo a brilhante actividade do grande jornalista «numa das épocas mais difíceis e complexas da vida pública brasileira».

Naquela Câmara, o deputado Neiva Figueiredo chamou a atenção dos seus colegas para a acção de Herbert Moses. Disse que ela procurou sempre enquadrar-se no clima

de evolução do mundo contemporâneo. E acrescentou:

«Mas a qualidade essencial do Sr. Herbert Moses à frente da associação dos jornalistas tem sido a sua tolerância, a ausência de sectarismo e uma permanente preocupação em vincular-se aos problemas da classe, mesmo que, em muitas oportunidades, não tenha atingido, talvez menos por culpa sua, os objectivos previstos. Foi essa capacidade de somar, de congregar em vez de dividir que resultou nesse quase milagre de «coexistência pacífica», para usarmos uma terminologia da época, dentro da qual vivem e actuam as diferentes correntes de opinião que matizam a nossa classe, como de resto a toda comunidade brasileira».

Depois de recordar aspectos da actividade directiva de Herbert Moses na Associação Brasileira de Imprensa, o orador declarou:

«Hoje, no dia da eleição do Conselho Deliberativo, o pequeno parlamentarismo de

Contra o Míldio!!! — FUNGIDOX

(Origem Suíça)—50 % de Cobre-Metal

FUNGIDOX é o melhor, mais prático e económico meio de prevenção contra o míldio da Vinha, Batatas e todas as culturas. FUNGIDOX não necessita de cal, molhantes ou aderentes, podendo ser misturado com a maioria dos insecticidas, nomeadamente com os famosos C-B-HO e T. X. L. FUNGIDOX é apresentado em embalagens de plástico de 200 e 400 grs. e em sacos de 25 e 50 kgs.

Contra o Oídio!!! — UVANE

Enxofre molhável com 80 % — (Origem Alemã)

Importadores exclusivos:

JOSÉ FERREIRA BOTELHO & C.ª, L.ª
R. Mousinho da Silveira, 140-1.º — PORTO

Façam os seus pedidos ao seu representante em Guimarães:

PEDRO DA SILVA FREITAS (Chafarica)

R. de Santo António, 11 e 13

Telef. 4221 — Ender. Teleg.: **Perfeites**

321

DE COVAS Câmara Municipal

(Continuação da página anterior)

Expediente

Alguns estimados leitores têm-nos procurado por intermédio de pessoas conhecidas e amigas a fim de nos pedirem que tornemos público os casos injustos que nos contam. Ora, se o leitor tem algum caso «injusto» e gostaria de o tornar público, não precisa de intermediários, escreva-nos contando o que se passou e pode ser que mais cedo ou mais tarde veja o seu caso nestas colunas.

A morada é esta: Correspondente em Covas do *Notícias de Guimarães*, Guimarães. — R.

Um vimaranense, Porto. Se está longe da sua terra e quer acompanhar os acontecimentos e o progresso de Guimarães, assine um bom jornal local; e, modesta áparte, o melhor de todos, pelo menos para nós, é o *Notícias de Guimarães*.

... Silva, Urgeses. É lamentável o que nos aponta acerca do abandono do cemitério da sua freguesia — que, segundo nos diz, mais parece um «ervaçal» do que um campo santo...

Como é nosso leitor deve-se lembrar de que há meses fizemos aqui um reparo ao mesmo assunto e que tornado em consideração pela Junta da Freguesia de Urgeses, o que agora também esperamos.

Um beneficiário da Caixa. Agradecemos a sua carta. Não tem importância o que ouviu a nosso respeito. Já estamos acostumados e até a coisas mais graves...

— Representar Junto da Direcção Geral de Transportes Terrestres no sentido de haver inconveniente para os interesses do concelho na concessão de uma carreira entre Brito e Vila Nova de Famalicão, por permitir o êxodo da população concelhia para o concelho de Famalicão;

— Publicar editais referentes à permissão de obras de limpeza e caiação com isenção de taxas dos prédios na cidade de Guimarães, Vilas de Vizela e Taipas e povoação do Pevidém;

— Mandar proceder a obras de reparação, por administração directa nas instalações do posto da G. N. R.;

— Reclamar perante a 1.ª Circunscrição Industrial contra a instalação dum oficina requerida pela firma Manuel da Silva Correia Natal & C.ª, no lugar das Hortas, freguesia de S. Sebastião, em virtude do local estar abrangido pelo traçado dum nova artéria.

Sabe o que é de estranhar? É que estas coisas só se passam com as pessoas atingidas e que não têm a força moral, ou melhor, a verdade ao lado delas para contradizer publicamente o que nós afirmamos. Sendo necessário confirmarmos à entidade competente e de direito — e não a esses senhores — o que escrevemos.

O resto são desculpas... Lembre-se de que querer desculpar a asneira é asneiar doutra maneira.—C.

duas maravilhas da natureza

**Defesa Civil do Território****Curso de Instrutores Gerais**

Está previsto, brevemente, o funcionamento, na sede deste Comando Distrital, em

Moses, encontramos na mesma fila, comunistas e católicos, freiras e pastores protestantes, redactores de grandes e pequenos jornais, para dar o seu voto ao velho presidente do grémio da classe».

Depois, a concluir:

«Quando nos congratulamos pelas bodas de prata de Moses na ABL, preferimos exaltar-lhe os aspectos positivos da sua administração, caracterizarmos esse evidente desejo de servir a sua classe, a maneira louvável como tem, em tantas oportunidades, defendido a liberdade de opinião e o êxito dos seus esforços para dotar a Imprensa de uma associação que, necessitando aprimorar os seus métodos de acção, disfruta, entretanto, do maior conceito e prestígio na opinião nacional».

Braga, de um Curso para Instrutores Gerais da Defesa Civil, ministrado por professores da Escola Regional da Defesa Civil do Porto, o qual se destina a ser frequentado por instrutores já habilitados com o Curso Básico e tendo como habilitações literárias mínimas o curso geral dos liceus ou equivalente.

O curso terá a duração de cerca de um mês e será ministrado à noite, em dias alternados, destinando-se a preencher o Quadro de Instrutores da D. C. do Comando de Braga, tornando assim possível a realização de cursos básicos em todo o Distrito e deve ser frequentado por instrutores que garantam a mais activa e dedicada colaboração aos serviços da Defesa Civil do Território.

As inscrições para a frequência do referido Curso devem ser feitas na sede do Comando da L. P., à Avenida Central, em todos os dias úteis das 9 às 17 horas.

A verdadeira lei do progresso moral é a caridade. — Camilo C. Branco.



MARIA DE LOURDES — 1.ª classificada no Concurso do Vestido de Chita, confeccionado na máquina de costura «OLIVA».

AINDA O CONCURSO DO VESTIDO DE CHITA



Maria de Lourdes, Anita da Costa Monteiro e ao centro Maria Noémia Gomes da Costa.

O concurso do Vestido de Chita realizado no Restaurante Jordão, deixou gratas recordações, principalmente no coração das raparigas que mais foram distinguidas nesse concurso.

Achamos interessante ouvir as duas primeiras classificadas, e por isso as procuramos nos ateliers onde exercem o seu labor.

A primeira classificada fomos encontrá-la no atelier da modista D. Brígida de Jesus Gonçalves, quem com o maior agrado nos permitiu a troca de impressões com a menina Maria de Lourdes Mendes Monteiro.

— Contente, Maria de Lourdes, pela sua classificação, perguntamos-lhe?

— Contentíssima, como é natural.

— Importa-se dizer-nos a sua idade?

— Absolutamente nada. Tenho 22 anos.

— A que atribui o seu êxito?

— Embora lhe pareça estranha a resposta, à minha querida Mestra e à máquina OLIVA.

— Como assim?

— À minha Mestra porque num gesto nobre, da maior simpatia, me permitiu que confeccionasse totalmente o meu vestido numa das suas máquinas de costura, que é uma magnífica OLIVA ziguezague, máquina que considero credora de uma boa parte do meu sucesso, pois nela até confeccionei as luvas, trabalho difícil, que não pode ser feito em qualquer máquina.

— Mas então, gostou, sinceramente, da máquina OLIVA?

— Tanto que resolvi adquirir uma, e isto diz do meu apreço por aquela máquina e da minha grande satisfação.

— E depois desta peremptória resposta da Maria de Lourdes nos despedimos da mesma e da sua Mestra, com os nossos agradecimentos.

Visitamos seguidamente a menina Anita da Costa Monteiro, no atelier da modista D. Rosa Teixeira, quem também nos permitiu uma rápida troca de impressões com a segunda classificada no interessante concurso.

— Diga-nos, Anita, satisfeita?

— Sem dúvida, respondeu-nos.

— Em que máquina confeccionou o vestido?

— Mas que pergunta, numa OLIVA ziguezague, pois no atelier da minha Mestra há duas, que funcionam diariamente.

— Gosta da máquina OLIVA?

— Muiíssimo.

— E que tal a considera?

— Simplesmente magnífica. É robusta, silenciosa e o chuleio, bem como os pontos de ziguezague, são perfeitíssimos, direi, maravilhosos.

— Importa-se que registemos as suas palavras?

— Absolutamente nada, foi a resposta da Anita, uma interessante rapariga de 21 anos.

E assim nos despedimos da Anita e da Senhora D. Rosa Teixeira, com os nossos agradecimentos, para virmos arquivar as impressões que nos deram as duas primeiras classificadas no Concurso do Vestido de Chita, que tão boas recordações deixou.

DESPORTO

A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

(FASE-FINAL)

Oriental, 4 — Vitória, 3

Um campeonato para acabar nos últimos minutos da derradeira jornada.

Toda a gente que se deslocou ao Poço do Bispo, para ver o encontro Oriental-Vitória, tinha, como ideia primária, que o mesmo podia resolver a classificação final da prova. Por isso foram muitos os vimeanenses que avançaram para Lisboa e muitos também foram aqueles que, naturais da nossa Terra ou com laços afectivos para com ela, residindo em Lisboa ou nos arredores, compareceram para apoiar a equipa de Guimarães.

O resultado do encontro não foi aquele que se desejava. A solução para o campeonato ficou desconhecida, como antes dele se realizava. Era normal que tal acontecesse, pois as ambições dos vimeanenses igualavam-se a outras, do mesmo potencial, do lado dos lisboetas. Portanto o encontro tinha de ser uma luta sem tréguas, onde a busca pela supremacia não permitia o sossego de espírito capaz de facilitar a ordenação do jogo. Analisados os golos que se marcaram, vê-se, de parte a parte, quer os quatro do Oriental, quer os três do Vitória, que eles resultaram mais de falhas dos defensores do que de jogadas com princípio, meio e fim. Jogo essencialmente de campeonato, em que a dedicação pela equipa envergada se patenteou exuberantemente.

Aqueles que foram a Lisboa, no premeditado desejo de ver o Vitória resolver a sua situação na prova, não tiveram esse gosto, mas viram que a compreensão dos jogadores vimeanenses sobre as necessidades da sua equipa é total e, logicamente, o seu esforço ficou bem visível no evoluir do resultado, recuperando golo com golo, de modo que somente uma rajada de dois tentos num minuto impossibilitou, pelo menos, a igualdade.

Apesar da influência que o jogo tinha para a classificação, podemos dizer que o mesmo foi agradável de seguir-se, pois houve, na urdidura dos lances, momentos em que as equipas praticaram futebol bem agradável.

Por outro lado pode-se dizer que não houve uma *picardia*. O jogo foi totalmente correcto de parte a parte. Os nossos hospedeiros não abusaram da facilidade de jogarem em sua casa e os vimeanenses não *azedaram* nunca com a contrariedade do resultado. Sobre este ponto de vista foi um encontro admirável.

Mas não há *bela sem senão*. Neste encontro, ardorosamente disputado pelos contendores, sem nunca perderem a noção de desportivismo, o árbitro que o dirigiu patenteou uma falta de dignidade que não há palavras que o consigam desculpar. O árbitro foi *caesiro*. . . e isto diz tudo. Ora, num encontro onde se joga uma classificação de fundamental importância, é lamentável que o juiz que o orienta, tenha tão pouco respeito pelo esforço alheio, que arbitre de modo a evidenciar o maior defeito que que pode ser apontado a um árbitro de futebol.

E dizem-nos que este juiz de campo, ainda bem recentemente, foi louvado pela Comissão Central de Arbitros. . .

Ficha do jogo: — Oriental —

Edmundo, Moraes e Santana; Fernandes, Luz e Cordeiro; Moreira, Leitão, França, Rogério e Almeida. Vitória — Silva, Cesário e Cerqueira; Rosato, Silveira e Artur; Bártolo, Rinaldi, Ernesto, Luterio e Bengé. Arbitrou Braga Barros, de Leiria.

Resultado da primeira parte: 1-1. Golos de França e Bengé. Resultado da segunda parte: 3-2. Golos de França, Leitão e Almeida para o Oriental, e de Rinaldi e Ernesto para o Vitória.

Resultados gerais da jornada: Oriental, 4 - Vitória, 3; Salgueiros, 1 - Boavista, 0 e Coruchense, 4 - Olanense, 2.

Hoje realizam-se os seguintes jogos: Vitória - Boavista; Olanense - Oriental e Salgueiros - Coruchense.

Temos assim na Amorosa mais um encontro de fundamental importância para a classificação final da prova. O triunfo vimeanense é o resultado que se adivinha como mais provável, mas deve-se ter em conta que os visitantes vêm à nossa Terra jogar a última possibilidade de alcançar uma classificação que lhes permita o regresso à Divisão Maior. Como este é também o desejo dos locais, daqui se conclui o cariz provável do encontro. Bem sabemos que o Boavista não é grupo para se entregar facilmente e, quando as coisas não lhe correm de feição, é capaz de pegar em qualquer arma para as fazer mudar. Por isso há necessidade dos desportistas vimeanenses não desfalecerem, um momento sequer, no apoio à sua equipa, pois é este uma base importante para levarem o seu Clube ao triunfo. Aqueles que se deslocaram a Lisboa, no domingo último, que contem como o público do Oriental apoiou a sua equipa. . .

L. R.

TAÇA DE HONRA DO MINHO

EM

Hoquei em patins

A falta de espaço impossibilitou que, neste jornal, se desse a esta competição a desenvolvimento referência que a mesma merecia.

Assim deixamos de publicar os resultados referentes a diversas jornadas, o que permitiria, através deles, um julgamento precioso sobre a actuação das diversas equipas. Mas, perdida a oportunidade de o termos feito, resta-nos agora analisar a sua classificação final e dela tirarmos as nossas conclusões. Esta foi a seguinte:

Famalicense, 12 p.; Vitória, 11 p.; Académico, 11 p.; Vianense, 11 p.; Tebe, 10 p.; Taipas, 5 p.

O Famalicense venceu o torneio deste ano com todo o brilhantismo. Sofreu uma única derrota, sendo esta infligida pelo Vitória. Os seus jogadores patentearam um treino bastante apurado, que lhes permitiu exibições deveras agradáveis e de tal modo, que a todos se patenteou como justo o seu triunfo final. Ali, nesta jovem equipa,

constituída à base da que conquistou, na época passada, o campeonato nacional de juniores, existe o alicerce para muitos triunfos, o que vem demonstrar que o trabalho em profundidade é aquele onde se podem colher, no futuro, os melhores frutos.

O Vitória, o Académico e o Vianense classificaram-se com o mesmo número de pontos, podendo o seu escalonamento classificativo ser feito pelo golo-avaraço. Mas isto propriamente não interessa, pois estas equipas equivaleram-se nas virtudes e nos defeitos. Se o Académico demonstra uma desenvolvedura agradável de jogo, se o Vianense apresenta um poder forte e desgastante, o Vitória manifesta ordenação estratégica, o que faz equilibrar o valor comum das três equipas. Pode-se dizer que o Académico progrediu em relação à época passada, que o Vianense estagnou e que o Vitória retrocedeu. Interessa-nos de sobremodo o caso vimeanense. Havemos de lhe dedicar uns comentários especiais, mas para já queremos aqui frisar que a sua fragilidade actual baseia-se em pouco domínio disciplinar da parte de quem a tem orientado. O exemplo ainda é o melhor dos argumentos e, portanto, é com ele que se deve demonstrar a melhor maneira de cumprir. Ora ir-se para o Rink na tentativa de querer resolver tudo através duma superior capacidade individual, perdendo a cabeça quando as coisas não correm bem, não pode resultar de maneira nenhuma. E é isto que se nos apresenta como cousa primária da irregularidade da equipa do Vitória nesta prova, que realizou as suas melhores exibições, quanto a conjunto, quando alinhou sem o seu melhor valor individual.

Nos últimos lugares ficaram o Tebe e o Taipas. Frize-se que a equipa barcelense tem valor aproximado das três, que se classificaram à sua frente com mais um ponto. É mesmo uma equipa com características análogas às do Vianense. Quanto ao Taipas é lamentável, para o prestígio do hoquei conceleiro, a sua decadência. Triunfador, na época passada, do campeonato regional, ficou com a *lanterna vermelha* na primeira prova oficial desta temporada. Há que reagir, analisando os erros cometidos, indo ao ponto de afastar aqueles que evitam o progresso que sinceramente lhe desejamos.

Finalizando queremos fazer uma referência à organização da prova. Quanto ao ponto de vista técnico temos de afirmar que o nível da arbitragem andou um pouco baixo, esperando nós que o ingresso na Comissão Distrital do novo árbitro, vindo de Leiria, Mário Mendes, com o seu exemplo, seja um factor para o progresso da orientação das partidas na nossa região. Quanto à organização financeira podem estar satisfeitos os Dirigentes do Hoquei Vitoriano, pois o público correspondeu e assim puderam demonstrar que não existe no Minho outra Terra, como a nossa, com capacidade de possibilitar organizações de hoquei com público numeroso e consequentemente com bons resultados financeiros.

Conselho Geral do Vitória

Em virtude de vários factos, a que não é estranho certas manifestações culturais que se têm realizado ultimamente na nossa Terra, não foi possível reunir ainda o Conselho Geral do Vitória, convocado pelo seu Presidente Honorário sr. Amadeu da Costa Carvalho. Assim, está este novamente convocado para a próxima terça-feira, dia 15 do corrente, pelas 21,30 horas, na sede do Clube, esperando-se a concorrência de grande número dos seus Membros, de modo a permitir ventilar-se com amplitude os vários assuntos que motivaram a sua convocação.

Dia de ajuda do sócio

O encontro de hoje, Vitória-Boavista, é o segundo jogo em que os Associados têm de adquirir um bilhete especial para assistirem ao mesmo, contribuindo assim para a recuperação económica do Clube que permitirá a sua revalorização total.

Assim, para facilitar a aquisição do referido bilhete os cobradores encontram-se na sede do Vitória, nas horas habituais destes serviços.

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

DUARTE & ANJOS, LIMITADA

COM SÉDE EM GUIMARÃES

Faz-se público que, por escritura de 1 de Maio de 1956, lavrada por mim notário no meu livro de notas n.º 503 a fls. 98 v.º, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, entre: Armindo Duarte e Francisco Fernando dos Anjos, casados, industriais, moradores nesta cidade, nas condições constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma Duarte e Anjos, Limitada, e tem a sua sede na cidade de Guimarães, à rua de Dom João Primeiro, com o número de polícia oitenta e nove, podendo vir a ter sucursais.

SEGUNDO

A sua duração é por tempo indeterminado, e o seu início conta-se a partir desta data.

TERCEIRO

O seu objectivo é o fabrico e comércio de artigos de cartongem, e qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios deliberem explorar.

QUARTO

O capital social é da quantia de trinta mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro e dividido em duas quotas de quinze mil escudos, uma de cada sócio.

QUINTO

Não serão exigidas prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer à caixa social os suprimentos que sejam necessários e nas condições acordadas em assembleia geral.

SEXTO

A cessão de quotas é livremente consentida entre sócios; para estranhos fica dependente do consentimento do outro sócio.

SÉTIMO

A gerência da sociedade, em juízo e fora dele, activa e passivamente, fica afecta a cada um dos sócios, sem remuneração e com dispensa de caução, bastando a assinatura de qualquer um para que a sociedade fique obrigada.

OITAVO

Fica vedado aos sócios usarem a assinatura da firma em documentos estranhos à sociedade, respondendo o contrafactor, perante ela, por prejuizos e danos.

NONO

A convocação das assembleias gerais será feita por meio de cartas registadas, expedidas com oito dias de antecedência, salvos os casos para que a lei determine outros requisitos.

DÉCIMO

Os lucros, depois de deduzida a percentagem para reserva legal, ou quaisquer ou-

LUZ FLUORESCENTE NAS HABITAÇÕES

Instale V. Ex.ª na cozinha um conjunto fluorescente e terá mais luz com menor consumo de energia. Instalações próprias a preços módicos.

J. MONTENEGRO — L. 28 de Maio — Tel. 4510 — GUIMARÃES

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

ALTO, SR. PROPRIETÁRIO!

Nas s/ compras de TUBOS GALVANIZADOS exija e verifique que sejam de parede normal.

A aquisição de tubos de parede reduzida vai agravar-lhe o orçamento. Consulte-nos e nós o provaremos. Uma única Firma deste concelho importa directamente TUBOS GALVANIZADOS e garante o que vende porque sabe o que compra.

Em TUBOS GALVANIZADOS... ALTO!
Em GUIMARÃES... SÓ

A Competidora de Representações, L.ª
RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4525

Laboratório de Análises

Avenida Eng. Duarte Pacheco — Telef. 40404

— GUIMARÃE —

FERNANDO XAVIER
TELEF. 40278

FERNANDO MONTEIRO
TELEF. 4742

220

Francisco Joaquim de Freitas Pereira

Ex-Interno da Maternidade dos Hospitais da Universidade de Coimbra

MÉDICO ESPECIALISTA

PARTOS — DOENÇAS DOS RECEM-NASCIDOS

Médico Vacinador (B. C. G.)

ONDAS CURTAS

5

CONSULTÓRIO: L. 28 de Maio, 22-1.º Consultas:
RESIDENCIA: Av. Conde Margaride 2.ª, 4.ª e Sábado
TELEFONE 4550 das 15 às 20 horas

tras deliberadas em assembleia geral, serão repartidos em partes iguais por ambos os sócios; e na mesma proporção serão suportados os prejuizos.

DÉCIMO PRIMEIRO

Os balanços serão fechados em trinta e um de Dezembro de cada ano.

DÉCIMO SEGUNDO

Em tudo o mais não expressamente previsto regularão as disposições legais e especialmente as contidas na lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

Secretaria Notarial de Guimarães, aos 3 de Maio de 1956.

O Notário,

a) Eduardo Borges Vieira
de Mascarenhas.

Use Gazcidla

FRIGIDAIRE

Mais de 20 milhões vendidos em todo o MUNDO 505

Ofertas e Procuras

Balço com seis casas Vende-se, situado no lugar da Rechã, freguesia de Caldas S. João e Caldas S. Miguel, em Vizela, com quintal pertencente a cada casa. Falar com o sr. Manuel Martins, Stand n.º 6, Rua Paio Galvão, desta cidade. Telef. 4225. 229

Terrenos no Pevidém Já conforme o plano de urbanização e com a necessária autorização da Ex.ª Câmara Municipal, vendem-se diversos talhões para construções urbanas no melhor local do Pevidém. Informa: ARMANDO MARTINS — Rua da Rainha D. Maria II. 306

300 contos Emprestam-se sobre hipoteca. Para informações o telefone 40426. 329

LOJAS para escritório e comércio, servindo para Armazém, com instalações sanitárias. Alugam-se três, em bom local e bastante espaçosas, de recente construção. Falar na nossa redacção. 345

Passa-se em Azurém, no lugar da Pégada, casa de negócio de vinhos ou mercearia, com boa clientela. Tem casa para habitação com quintal e água de pôco. Falar na mesma casa, das 18 horas em diante. 355

Curso de Explicações Alberto Pereira Caldas, professor diplomado no Ensino Particular, comunica a todos os interessados que acaba de abrir um curso de explicações para exames de Admissão ao Liceu e Escolas Técnicas, na Avenida de D. Afonso Henriques (antiga Fotografia Machado). 359

Chaufeur Pesado Precisa-se. Resposta ao apartamento 43. 360

Use Gazcidla

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

Federação de Caixas de Previdência
Sede: Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º LISBOA

Aviso

Admissão de médicos da Clínica Médica para a Delegação Clínica de Pevidém (N.º 197)

Está aberto concurso documental, pelo prazo de 30 dias, a contar do dia 8 de Maio de 1956, para médicos de clínica médica da Delegação Clínica de Pevidém (N.º 197).

As condições de admissão ao concurso encontram-se patentes na sede da Federação — Avenida Manuel da Maia, 58-2.º — Esq. Lisboa, na Delegação da Zona Norte (Rua Álvares Cabral, 328 — Porto), e na Delegação Clínica em referência.

O prazo para entrega dos requerimentos e demais documentação constante das condições de admissão, termina às 18 horas do dia 6 de Junho de 1956.

Lisboa, 2 de Maio de 1956.

A DIRECÇÃO 346

Compre o melhor

FRIGIDAIRE

A marca que deu nome aos frigoríficos 504

Máquinas de escrever "JAPY"

A máquina de escrever portátil mais barata que existe no mercado; máquinas de construção resistente e mecânica perfeita, orgulho da fábrica «JAPY», uma das fábricas mais importantes da FRANÇA e hoje da EUROPA.

Venda com facilidades de pagamento no único Agente neste Concelho:

Francisco Ribeiro de Castro

CASA DAS NOVIDADES
RUA DA RAINHA GUIMARÃES

Jerónimo Assunção Ferreira

INSTALAÇÕES ELÉTRICAS DE QUALQUER GÉNERO

VENDA DE MATERIAL
ORÇAMENTOS GRÁTIS

RUA DA RAINHA D. MARIA II — TEL. 4204 (favor)
GUIMARAES